

DANÇANDO COM GATOS E PÁSSAROS:
o movimento ecossistêmico da ludopoise
na Educação Infantil

EVA POTIGUARA



INM Editora

Copyright © 2024 by Eva Potiguara

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº.10.994, de 14 de Dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de Janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes

Preparação de Texto: Priscila Callado

Revisão Ortográfica: Priscila Callado

Secretaria: Nawana Taranto

Preparação das Imagens: Caren Dantas

Marketing: Lyvia Gomes

Capa e Diagramação: Caren Dantas

Imagem da Capa (Gatos e Pássaros): Neemias Damasceno

Direitos Autorais das fotos 02 a 25: Eva Potiguara (acervo da autora)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

INM Editora

Frei Caneca, 1380,

Primeiro Andar – Sala 17

Consolação – São Paulo

CEP: 01307-002

Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

Instagram: @inmeditora

Facebook: /inmeditora



SUMÁRIO

Lista de Ilustrações.....	13
Glossário.....	15
Prefácio.....	19
I. RAZÕES PARA DANÇAR.....	29
A metáfora da dança ludopoiética	33
Das memórias ludopoiéticas da infância à formação docente	38
Da ludicidade revisitada no mestrado ao reconhecimento de suas conexões na autocriação humana.....	48
Os estudos da ludopoiese e as reformulações na perspectiva ecossistêmica.....	57
O jogo da beleza do brincar, cuidar e educar em meio às adversidades	70
II. MARCANDO OS PASSOS	85
A dimensão ecossistêmica da ludopoiese.....	103
A dimensão ecossistêmica da corporeidade.....	115
A dimensão ecossistêmica da pesquisa-ação existencial.....	122
III. A BELEZA DO MOVIMENTO.....	147
As memórias lúdicas da infância e suas conexões ludopoiéticas com os cenários da prática pedagógica.....	149
O pássaro de Oz.....	152
Felina Maravilha.....	160
Felina Esmeralda.....	164
Gaivota.....	177
Felina Serena.....	185
Andorinha.....	192
Os fluxos ludopoiéticos das brincadeiras de gatos e pássaros.....	197
Reconstruindo os cenários da prática educativa.....	214

IV. A COMPLEXIDADE DO MOVIMENTO	227
A dinâmica de ordem/desordem necessária ao sistema ludopoiético do educador.....	231
A autonomia/dependente dos processos de autocriação ludopoiética no ambiente de trabalho	242
As implicações da amorosidade e da sensibilidade estética nos processos ludopoiéticos de adultos e crianças na escola.....	255
A ludopoiese como possibilidade de transcendência humana do educador infantil	263
V. EM QUE PASSOS CHEGAMOS?.....	271
Referências	287



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 01 - Gatos e pássaros.....</i>	<i>29</i>
<i>Figura 02 - Imagem com a flor da ludopoiese com suas cinco pétalas representando as categorias.....</i>	<i>58</i>
<i>Figura 03 - Marcando os passos.....</i>	<i>85</i>
<i>Figuras 04 e 05 - Educadores produzindo e refletindo seu jogo e areia.....</i>	<i>134</i>
<i>Figuras 06 e 07 - Momentos de videoformação dos educadores da manhã e da tarde.....</i>	<i>137</i>
<i>Figura 08 - Cópias dos videotapes entregues aos educadores.....</i>	<i>144</i>
<i>Figura 09 - A beleza do movimento.....</i>	<i>147</i>
<i>Figura 10 - O Pássaro de Oz.....</i>	<i>152</i>
<i>Figura 11 - Cenário do Jogo de Areia do Pássaro de Oz.....</i>	<i>155</i>
<i>Figura 12 - Felina Maravilha.....</i>	<i>160</i>
<i>Figura 13 - Cenário do Jogo de Areia da participante Felina Maravilha....</i>	<i>162</i>
<i>Figura 14 - Felina Esmeralda.....</i>	<i>164</i>
<i>Figura 15 - Cenário do Jogo de Areia da participante Felina Esmeralda....</i>	<i>166</i>
<i>Figura 16 - Felina Paixão.....</i>	<i>171</i>
<i>Figura 17 - Cenário do Jogo de Areia da participante Felina Paixão.....</i>	<i>175</i>
<i>Figura 18 - Gaivota.....</i>	<i>177</i>
<i>Figura 19 - Cenários do Jogo de Areia da participante Gaivota.....</i>	<i>181</i>
<i>Figura 20 - Felina Serena.....</i>	<i>185</i>
<i>Figura 21 - Cenário do Jogo de Areia da participante Felina Serena.....</i>	<i>189</i>
<i>Figura 22 - Andorinha.....</i>	<i>192</i>
<i>Figura 23 - Cenário do Jogo de Areia da participante Andorinha.....</i>	<i>196</i>
<i>Figura 24 - Momentos de autofruição dos gatos e pássaros</i>	<i>199</i>
<i>Figura 25 - Desenho do Pássaro de Oz.....</i>	<i>203</i>
<i>Figura 26 - Desenho de Felina Maravilha.....</i>	<i>205</i>
<i>Figura 27 - Desenho de Felina Serena.....</i>	<i>208</i>
<i>Figura 28 - Jogo de areia do Pássaro de Oz.....</i>	<i>215</i>
<i>Figura 29 - Jogo de areia de Felina Serena.....</i>	<i>216</i>
<i>Figura 30 - Jogo de areia de Felina Esmeralda.....</i>	<i>219</i>
<i>Figura 31 - Jogo de areia de Andorinha.....</i>	<i>220</i>

<i>Figura 32 - Jogo de areia de Felina Paixão.....</i>	<i>224</i>
<i>Figura 33 - A complexidade do movimento.....</i>	<i>227</i>
<i>Figura 34 e 35 - Felina Maravilha, Gaivota e o Passáro de Oz dramatizando a história de “Chapeuzinho Vermelho”, 2008.....</i>	<i>235</i>
<i>Figura 36 - Felina Esmeralda numa aula especial.....</i>	<i>257</i>
<i>Figura 37 - O grupo preparado para o acolhimento das crianças.....</i>	<i>257</i>
<i>Figuras 38 e 39 - Felina Maravilha em duas vivências especiais: lazer no morro com as crianças e numa apresentação teatral, 2009.....</i>	<i>258</i>
<i>Figura 40 - Em que passos chegamos?.....</i>	<i>271</i>
<i>Figuras 41, 42, 43 e 44 - Decorações de sala de aula e murais pedagógicos, 2010.....</i>	<i>278</i>
<i>Figuras 45 e 46 - Momentos ludopoiéticos com as crianças, 2010.....</i>	<i>279</i>



Prefácio

Com muita honra e alegria, aceitei o convite para prefaciar a obra *Dançando com gatos e pássaros: o movimento ecossistêmico da ludopoiese na Educação Infantil*, elaborada por Eva Potiguara, também conhecida como Dra. Evanir de Oliveira Pinheiro, fruto de sua pesquisa de doutorado, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação dos professores doutores José Pires e Katia Brandão Cavalcanti.

Eva potiguara é uma mulher indígena, graduada em Artes Visuais e com Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Escritora premiada, vencedora do Prêmio Jabuti na categoria *Fomento à Leitura* em 2023 e ganhadora de outras relevantes premiações no Brasil e em Portugal, cujo talento, sensibilidade e beleza estética emergem desde as primeiras páginas ao anunciar a rede de amor que permeia suas ações educacionais *ludopoiéticas*, nos vários contextos educacionais de ensino e de formação trabalhados por ela.

Assim, é uma honra, uma alegria e uma grande responsabilidade prefaciar este livro e colocar-me na posição crítica e solidária de quem teve o privilégio de conhecer a obra antecipadamente e de poder oferecer uma singela contribuição capaz de anunciar a alegria de uma nova descoberta, as sensações, inspirações e aprendizagens que emergiram durante sua leitura. O meu problema é que nunca me dou por satisfeita ao prefaciar um livro e vivencio sempre a angústia de alguém que gostaria de ter dito algo mais relevante, destacado este ou aquele aspecto considerado importante, privilegiado determinado enfoque, mesmo sabendo das limitações impostas pelo tempo e a necessidade premente de ter que fazer escolhas no meio de tantas belas ideias, poesias, sugestões, inspirações, de tantos capítulos relevantes,

instigantes e inspiradores.

A autora inicia a escrita desta obra falando da beleza estética da dança da vida como expressão do viver/conviver, das interações dos corpos em suas relações com o mundo por meio da arte em movimento, destacando que cada um compõe sua coreografia existencial a partir de suas relações com o outro e com a natureza que os tece e é tecida por todos. E é na dança do viver/conviver que cada um se revela e se realiza como ser *autopoietico*¹, humano e divino, na tentativa de realizar a finalidade maior que lhe corresponde nesta vida, em busca do sentido de sua existência.

Com muita sabedoria, a autora destaca, logo no início do trabalho, a necessidade de se aprender a dançar a vida com flexibilidade, leveza, alegria e encantamento, não apenas a partir de sua singularidade, mas compreendendo que a beleza e a alegria da dança se encontram na pluralidade das relações e interações que emergem no viver/conviver como condição para desfrutar da plenitude da vida. Demonstra, no decorrer de sua pesquisa, como as vivências lúdicas foram exploradas em seu trabalho com os educadores, indicando que o movimento ecossistêmico da ludopoiese implica a existência de quatro processos essenciais: amar, brincar, cuidar e educar.

Em realidade, e comungando com as ideias de Maturana (2000a) ao comentar que o que realmente importa é como o ser humano experimenta a vida e desfruta da realidade em que se encontra, como seres vivos, nós existimos no viver/conviver uns com os outros e tudo o que acontece com o ser humano tem implicações em sua vida, em tudo aquilo que configura a matriz histórica biológica-cultural relacional construída a partir das histórias vividas e das circunstâncias experienciadas.

1. *Autopoiese*, de acordo com o que está definido no glossário desta obra é “o processo recorrente de autoprodução, que permite ao sistema vivo se autoproduzir e se transformar continuamente, se adaptando ao processo vivencial onde o ser e o fazer são inseparáveis”.

Sabemos que todo professor(a) traz também consigo, consciente ou inconscientemente, sua matriz biológico-cultural docente e que, na maioria das vezes, precisa ser ressignificada. O problema é que, quase sempre, ela fica oculta em seu operar docente. Ele ou ela somente a percebe quando questionado(a) e obrigado(a) a desenvolver reflexões a respeito de algo significativo, movido, então, pela curiosidade epistemológica, pelo autoquestionamento ou mesmo quando instigado e confrontado em seu desejo de melhorar os resultados pedagógicos obtidos. É nesse momento que ele(ela) questiona suas certezas pedagógicas e começa a perceber os fundamentos epistemológicos de suas ideias e de suas crenças. E isso só acontece quando a vida lhe oferece a oportunidade de um pensar liberador, de um olhar reflexivo sobre as ações desenvolvidas, como um ato poético de amor sobre o trabalho realizado.

Concordo com Eva Potiguara ao afirmar que somente na trama relacional e na dinâmica operativa da *Biologia do Amar*, entrelaçada com a *Biologia do Conhecer* (Maturana, 2000a), é que o(a) docente se libera de práticas pedagógicas inadequadas, ineficientes, castradoras da imaginação e da criatividade, silenciadoras das falas e dos desejos de liberdade de expressão por parte de alunos(as).

Comungo com a autora que educar é um fenômeno biológico fundamental que envolve todas as dimensões do viver humano, em total integração do corpo, com a mente e com o espírito, lembrando que, quando isso não ocorre, se produz alienação e perda do sentido social e individual no viver/conviver humano. Para tanto, é preciso enriquecer a capacidade de ação e de reflexão do ser aprendente, o que implica também o desenvolver-se em parceria com outros seres, a partir da *biologia do amar*, como observado por Maturana e Nisis (1997, p. 49). Para esses autores, a educação é um processo de transformação na convivência, momento em que alunos(as) e professores(as) vão se modulando mutuamente, junto com o emocionar, que modela o operar da inteligência, abrindo os caminhos para possíveis consensos em nossa vida cotidiana.

Concordo com Maturana (2000b), de que somente o amor e o reconhecimento da legitimidade do outro é o que amplia a visão do ser humano e expande as possibilidades de um operar mais inteligente, consciente e comprometido, demonstrando assim que é no processo de transformação na convivência que o ser humano conserva a sua humanidade, compreende sua humana condição, entendendo que o que o faz humano é o viver como ser linguajante, cooperativo e amoroso, com consciência de si e com consciência social, no respeito a si mesmo e aos outros.

Tal compreensão me leva a concordar mais uma vez com Eva Potiguara e a reafirmar a crença de que é preciso ir além das propostas conteudistas, dos aspectos cognitivos e intelectuais, para incluir também, no ato de educar, a dimensão emocional e afetiva que implica o coração, pois é a integração do sentir, pensar e agir que permite educar visando a restauração da inteireza, nos quais pensamento, ações, emoções e sentimentos estão em constante diálogo. E todo o ser humano que se apresenta por inteiro é belo, é justo, é saudável e é sagrado.

Assim, educar na vida e para a vida é educar no caminho do amor, da inteireza e da sabedoria. É poder educar o outro na justiça e na solidariedade, cuidando do desenvolvimento da inteligência e do pensamento, mas respeitando também as intuições e as emergências ocorrentes e, sobretudo, escutando o sentimento e promovendo a abertura do coração. Isto requer a criação de ambientes de aprendizagem acolhedores, desafiantes, criativos e amorosos, espaços onde se corrija o fazer em contínuo diálogo com o ser, como nos ensina Maturana (2000a).

Desta forma, concordo com a autora ao escolher como um dos fundamentos teóricos estruturantes desta sua obra o *Pensamento Ecológico* de minha autoria (Moraes, 2004; 2021). Este tem, por finalidade, possibilitar a construção de uma educação humanista, pautada em novas dinâmicas reflexivas iluminadas por novos enfoques curriculares que religam a dimensão cognitiva às habilidades de

resolução de problemas, à inovação, à criatividade, trabalhando, simultaneamente, o desenvolvimento das aprendizagens social, emocional e espiritual. É um pensamento novo paradigmático que nos ajuda a compreender a nossa verdadeira condição humana, cósmica e terrestre, ao trabalhar com a epistemologia da complexidade e da transdisciplinaridade e que favorece a construção de uma nova ecologia de saberes para o desenvolvimento da aprendizagem humana. Favorece também a construção de novos cenários para uma aprendizagem emocionalmente saudável, instigante, criativa, inovadora e transformadora, ao levar em conta a necessidade de novos fundamentos pedagógicos, mais compreensivos e ecoformadores, comprometidos com a inteireza humana e com os avanços da neurociência no que se refere aos processos de construção do conhecimento e ao desenvolvimento da aprendizagem, a partir de espaços que eduquem desde e para a vida.

O mundo mudou, ou melhor, continua mudando muito rapidamente e a educação não consegue acompanhar as novas demandas civilizacionais. A escola, por sua vez, precisa mudar para responder aos novos tempos e aos novos desafios, lembrando que tempos difíceis são sempre tempos de novas escolhas, de bifurcação de caminhos. É preciso fazer as escolhas certas e nos momentos certos! Atuar de maneira urgente, competente, consciente e comprometida com as mudanças civilizatórias necessárias, para que possamos reimaginar um futuro comum, minimamente sustentável para todos os seres vivos.

Embora sabendo que a educação e a escola não podem tudo, elas podem muito, pois uma educação de qualidade, pautada em um outro tipo de racionalidade e em novos valores éticos, em uma nova estética do pensamento, pode colaborar de modo incisivo para a transformação dos processos de humanização e de compreensão de nossa condição humana. Podem colaborar como instância regeneradora do humano e do ambiente em que se vive, no sentido de ampliar os níveis de consciência das novas gerações para que possam melhor compreender

a indissociabilidade das relações indivíduo/sociedade/natureza e nossa participação como partes da grande teia da vida.

Mas, para tanto, é preciso mudar a nossa visão de mundo, construir uma outra cosmovisão, promover uma reforma paradigmática balizada por uma reforma do pensamento e do conhecimento, a partir de novos fundamentos da Ciência. É neste sentido que o *Paradigma Educacional Ecosistêmico* (Moraes, 2021) também pretende colaborar ao propor fundamentos e práticas pedagógicas que cultivem a solidariedade, a resiliência, a ética e a esperança e que concebe as escolas como espaços de aprendizagem, como comunidades de aprendizagem para o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e inovador. Espaços capazes de promoverem a ecosolidariedade ao cultivar a ecologia ambiental, a ecologia social que nos vincula à nossa comunidade de destino e de vida, além da ecologia humana que é, ao mesmo tempo, cognitiva, emocional e espiritual, condição necessária para que possamos construir um futuro mais promissor para as próximas gerações, possibilitando os processos de humanescência, como propostos pela autora deste trabalho.

Eva Potiguara lindamente destaca que a humanescência deve ser compreendida “*como a expansão da energia amorosa do ser que habita as profundezas do seu coração e se move constantemente de forma entrelaçada com o meio num processo interativo, vivencial e corporal, no qual as criações recursivas do viver/conviver humano são capazes de construir novas posturas éticas e estéticas de leitura e intervenção no mundo*” conforme afirma a certa altura do seu texto.

Para tanto, é preciso criar uma nova ecologia da aprendizagem humana que opere, necessariamente, a partir de uma *Pedagogia Integral Transdisciplinar* ao trabalhar a complexidade do ser humano e de seu estar no mundo, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem e os saberes individuais e coletivos dos sujeitos aprendentes. Uma pedagogia que reconheça a importância do contexto e conceba o global em diálogo com o local, a unidade dialogando com a diversidade e que, ao mesmo tempo, possibilite as vivências corporais humanescentes.

A partir dessa dinâmica operacional gera-se um conhecimento integrador, pertinente, contextualizado, significativo e transdisciplinar, pois insere o sujeito no contexto, na realidade, a partir de um elo recorrente; concebe e religa as diferentes dimensões humanas; reconhece, valoriza os diferentes tipos de conhecimento e supera as dicotomias e visões estreitas, compreendendo as relações de interdependência, a abertura às incertezas e às emergências ocorrentes. Nesse novo ambiente ecológico de aprendizagem trabalha-se com uma racionalidade aberta, que abre espaços para o exercício mental de uma outra lógica, a lógica do terceiro incluído, diferente da lógica binária do certo/errado, que ainda predomina na educação atual. Abre-se também espaços para a criatividade, a espiritualidade e a imaginação, reconhecendo aquilo que é subliminar, que habita a região em que nossos sentidos, muitas vezes, não são capazes de alcançar, de analisar, de decodificar em um primeiro momento e que requer outras dimensões humanas, como a intuição, o imaginário, a criatividade e a espiritualidade para sua melhor compreensão. A consciência ecológica e relacional emerge a partir da vivência e consciência da inseparabilidade dessas relações.

Assim, coerente com o observado nas pesquisas apresentadas nesta obra, entendo que educar é também acolher sujeitos com suas respectivas histórias de vida; acolher suas experiências, individuais e coletivas e aprender a dialogar com elas, na tentativa de ressignificá-las. Isso porque a postura dialógica potencializa a compreensão das experiências vividas, favorece a criticidade do pensamento, a emergência da criatividade e a evolução da consciência e do espírito.

Para concluir, destaco ainda, como categoria epistemológica nutridora dessa nova ecologia da aprendizagem humana, *a esperança*, como perspectiva ontológica desses novos ambientes de aprendizagem. Mas, a esperança, não no sentido de espera e nem mesmo como uma certeza, como diria Edgar Morin, pois ela cresce ao lado da desesperança e dialoga com ela. Mas, uma esperança que leva à abertura de um novo caminho, de uma nova humanescência, que é o caminho criativo da

esperança!

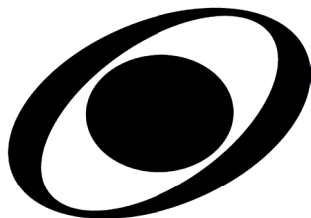
Neste sentido, convoco a todos os leitores(as) desta bela obra para que sonhemos juntos e renovemos nossas esperanças, para que possamos criar esses novos ambientes ecológicos de aprendizagem que promovam as experiências de fluxo, a ressurreição do sujeito e o resgate do sonho, da utopia, da fé e da esperança. Esperança no desenvolvimento de uma educação transformadora, humanescente, em que todos se sintam incluídos, respeitados, valorizados e esperançados com a possibilidade de se ter um futuro melhor para todos(as). Um futuro socialmente mais justo, ecologicamente sustentável e emocionalmente mais saudável e feliz.

Boa leitura a todos e todas!!!

Maria Cândida Moraes²
Brasília, 12 de outubro de 2024

2. Maria Cândida Moraes é Doutora em Educação (PUC/SP), Mestre em Ciências (INPE/CNPq), Professora de Pós-Graduação em Educação (1997-2017) e Diretora do Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin. Em 2019, recebeu o Prêmio de Criatividade - Ricardo Marin/ASOCREA/Espanha, por suas contribuições à área.

DANÇANDO COM GATOS E PÁSSAROS



I N M Editora